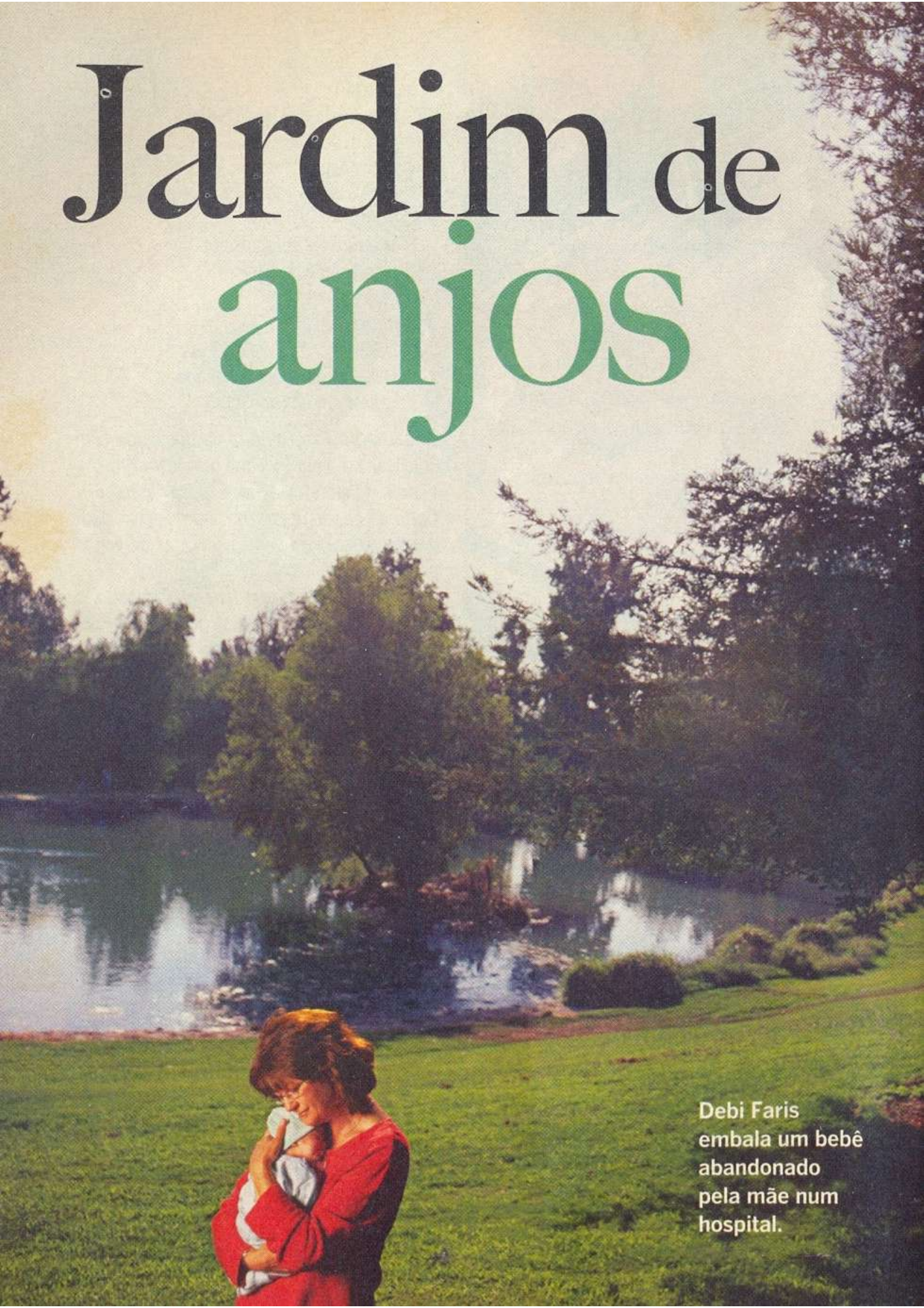


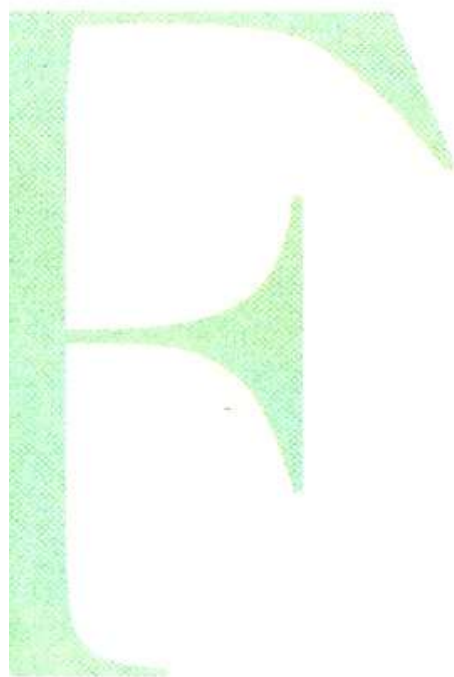
Jardim de anjos



Debi Faris
embala um bebê
abandonado
pela mãe num
hospital.

Uma simples mãe assume o desafio de salvar vidas, em vez de dar descanso a almas

| POR GAIL WESCOTT



ORAM MUITAS AS VEZES em que ela conduziu o mais solene dos rituais nas criptas anti-sépticas do Instituto Médico-Legal de Los Angeles. Depois de remover o invólucro plástico, Debi Faris lava e embala cada um dos bebês. “Eles sempre têm um rosto, e eu nunca o esqueço”, diz ela. “Esfrego-lhe as mãozinhas e os pés, e rezo para que as pessoas se comovam com a história daquela criança. Faço tudo bem devagar. Depois enrolo o neném numa manta feita à mão, ponho-o no caixão com brinquedos e poemas, que levo para o carro, e começo a viagem.

Preciso ficar sozinha no trajeto. Preciso do silêncio.”

Debi, 47 anos, dirige-se ao Jardim de Anjos, pequeno cemitério numa encosta castigada pelo vento, 110 quilômetros a leste de Los Angeles. Seis anos atrás, Debi fundou o Jardim, que se tornou o lugar de descanso para 54 bebês até agora, todos abandonados em depósitos de lixo ou jogados em auto-estradas ou praias. “Sei a história de cada uma dessas crianças”, afirma Debi. “Eu me tornei a voz delas. Mesmo que tenham ficado aqui somente por um instante, acredito que vieram por um motivo: garantir que não tenhamos mais enterros no Jardim de Anjos.”

Essa missão transformou Debi de mãe tímida em palestrante e lobista no circuito nacional. Nas estradas da Califórnia, ela dirige sua caminhonete com um adesivo na janela traseira que diz “Não jogue fora seu bebê!”

Nos Estados Unidos, mais de 100 bebês são abandonados todos os anos. Alguns estados americanos permitem que a mulher abandone, sem temer problemas com a justiça, o filho indesejado mas ileso em lugares preestabelecidos e seguros. No entanto, quando Debi começou seu trabalho, a Califórnia não era um deles.

A luta de Debi Faris começou numa noite de maio de 1996, quando estava à pia da cozinha de sua casa em Yucaipa, Califórnia, preparando o jantar para o marido, Mark, executivo na área de vendas, os filhos adolescentes, Brandon e Ryan, e a filha Jessica, 10. Ela ouvia a televisão quando uma reportagem lhe chamou a atenção. Um menino recém-nascido havia sido encontrado dentro de uma mochila na Estrada San Pedro.

“Jogado pela janela como se fosse lixo!”, exclama ela, ainda indignada. “Aquilo me deixou paralisada. Quem conhecia o bebê? Quem faria o enterro? O que a mãe estava pensando?”

Na noite seguinte, Debi se reuniu com a família e propôs que fizessem algo por aquela criança – que lhe dessem nome e um enterro digno. Atônita, Jessica perguntou: “Alguém jogou fora o próprio bebê?”

“Aquilo os tocou da mesma forma que me tocou”, lembra Debi.

Sem saber como proceder, no dia seguinte ela telefonou para a polícia de Los Angeles. “Nós nunca tínhamos recebido uma ligação como aquela”, recorda a detetive Peggy Leberknight, cujo primeiro pensamento fora o de que a mulher do outro lado da linha estivesse envolvida no homicídio. Ela encaminhou Debi ao casal de investigadores Doyle e Gilda Tolbert, que se mostraram igualmente incrédulos. “Não recebemos muitos telefonemas sobre bebês abandonados”, justifica-se Gilda.

“Ouçam”, pediu Debi. “Eu sei que vocês acham que sou maluca, mas

sou apenas uma mulher cuja família ficou sensibilizada pela história desse menino e que gostaria de cuidar dele.” Os Tolberts investigaram o passado de Debi, mas não acharam nada de errado. E a resolução dela de ajudar ficou ainda mais forte quando descobriu que, se ninguém se apresentasse para reivindicar o corpo depois de uma investigação de 30 dias, o bebê seria cremado, armazenado numa caixa durante três anos com outros joões-ninguém – “inclusive assassinos e traficantes de drogas”, observa ela – e jogado numa cova pública.

QUANDO OS Tolberts autorizaram, Debi começou a procurar um cemitério. Sem nunca ter tomado providências para um funeral, fechou os olhos e apontou o dedo para a lista das páginas amarelas. Encontrou Desert Lawn, um oásis verde cercado de montanhas áridas em Calimesa, e começou a planejar o enterro do menino que pretendia batizar de Matthew.

Três semanas depois, Debi ficou sabendo que outro bebê do sexo masculino havia sido encontrado, estrangulado até a morte, num depósito de lixo. “Aí começamos a planejar o enterro das duas crianças”, conta ela. Mas, quando Gilda Tolbert telefonou novamente com a notícia de que uma menina não identificada de 2 anos havia aparecido numa praia de Malibu, Debi respon-



“Não pude ficar de braços cruzados”, diz Debi, no cemitério em que enterrou dezenas de bebês abandonados.

deu que precisava pensar. “Eu tinha falado de uma criança, e agora havia três”, conta ela. “Perguntei a mim mesma se teria forças para fazer aquilo. Sentei-me à mesa da cozinha e chorei. Depois peguei o telefone e disse que levaríamos três caixões.”

O primeiro funeral no Jardim de Anjos ocorreu em 26 de agosto de 1996, para Matthew, Nathan e Dora. O pai de Debi, que mora em Oregon, fez cruces de madeira para as sepulturas, e Chris Wohlwend, então pastor da Igreja Cristã de Yucaipa, que Debi freqüentava, conduziu as orações. “Queríamos cercar os bebês de

amor”, frisa ela. No fim, soltaram três pombos.

Mark e Debi Faris preencheram o cheque dos enterros e assinaram um acordo de compra de 42 outros lotes por 27 mil dólares numa área murada próxima ao escritório do cemitério. Se já havia três crianças, calculou Debi, viriam outras. O pagamento mensal de 291 dólares não seria fácil. “Nosso filho mais velho estava começando a faculdade”, explica ela. “O carro não parava de dar problemas e meu marido tinha acabado de trocar uma empresa grande por uma pequena. Mas tinha de haver um lugar onde aquelas crianças pudessem descansar juntas.”

Por fim, acabaram surgindo doadores para cobrir os custos de com-

pra dos lotes. Depois que os jornais da cidade publicaram artigos sobre o Jardim, as pessoas começaram a visitar as sepulturas e deixar dinheiro. Duas meninas doaram um saco de moedas somando 5 dólares, ao lado de poemas, brinquedos e anjos de cerâmica. Logo comunidades inteiras estavam envolvidas. Pessoas da terceira idade organizaram um evento para levantar fundos num *shopping center*. Um comerciante doou os rendimentos de uma manhã de trabalho. Alunos do ensino médio apresentaram-se como voluntários para cuidar dos canteiros das sepulturas. O Jardim de Anjos havia deixado a população comovida.

TODA VEZ que uma criança era encontrada, Debi ia ao Instituto Médico-Legal apanhá-la. Doyle Tolbert, ex-soldado das forças especiais do Exército americano, que serviu no Vietnã e ainda se deixa abalar pela visão de um bebê no lixo, ficou perplexo. “Às vezes acho que é Deus mostrando a um cínico como eu que existem anjos”, diz ele. “Debi é o anjo da guarda dessas criancinhas.”

Enquanto isso, Debi esforçava-se para entender o que levava uma jovem desesperada a achar que sua única saída era jogar o filho no lixo. Uma das mães, ela ficou sabendo, era uma universitária de boa família, afastada de casa pela primeira vez. Dera à luz no dormitório da universidade, enrolara o bebê numa cami-

seta e o jogara na lixeira. Debi compareceu ao julgamento da jovem e agora a visita na prisão em que cumpre pena de cinco anos. “Eu só queria que ela tivesse conseguido contar a alguém”, lamenta Debi.

MAS FOI OUTRO caso que transformou Debi em ativista. No dia seguinte ao enterro do bebê Jordan, uma jovem de El Monte, Califórnia, deixou o filho recém-nascido ileso na portaria de um hospital e desapareceu. “As pessoas sentiam-se ultrajadas com o fato de alguém abandonar o filho daquela maneira”, recorda Debi, “e eu estava chocada por não verem que ela havia se preocupado em deixar o filho num local seguro.” Debi telefonou para um repórter e perguntou por que a polícia estava perseguindo a mulher que havia tomado a atitude certa. “Sinto muito, Sra. Farris”, respondeu o repórter. “É a lei.”

Bem, retrucou Debi, então é hora de mudar a lei. Soube que o Texas já havia aprovado a lei do abrigo seguro e que outros estados vinham apresentando projetos semelhantes. E decidiu que faria a Califórnia adotar a mesma lei. Mas esse não era um processo fácil.

Depois que um deputado estadual procurado por Debi se recusou a ajudar, o senador Jim Brulte finalmente concordou em apresentar o projeto de lei em janeiro de 2000. Em quatro ocasiões isoladas, Debi viajou até Sacramento para depor a favor do projeto. Nove meses depois – Debi acha graça na coincidência

do tempo decorrido -, o projeto foi aprovado. Tornou-se lei no dia 1º de janeiro de 2001.

Debi ficou arrasada quando o pequeno Jacob foi encontrado perto de um depósito de lixo em março daquele ano. “Foi muito difícil”, lembra ela, “porque agora tínhamos a lei. Eu queria subir nos telhados e gritar que aquilo não tinha mais de acontecer.”

Debi se deu conta de que muitas das mulheres que precisavam saber da lei do abrigo seguro - a maioria com menos de 25 anos - não faziam idéia de que ela existia.

Algumas semanas depois que Jacob foi encontrado, uma mãe adotiva entrou no escritório do Jardim de Anjos segurando um bebê. A mãe dele havia dado à luz num quarto de hotel e ia jogá-lo numa lixeira quando se lembrou de ter ouvido que podia deixar o filho no hospital sem se meter em apuros. Ligou para a Emergência. “Esse é o bebê”, disse a mãe adotiva a Debi. “Achei que você precisava saber que a lei funciona.” E pôs o bebê nos braços de Debi.

“Foi como se o mundo tivesse parado, como se só existíssemos nós dois”, conta ela. O menino havia sido entregue ileso em 31 de março, mesmo dia em que Debi enterrou Jacob.

Debi gostaria que houvesse mais finais felizes. Nos 20 meses seguintes à aprovação da lei californiana

do abrigo seguro, 12 bebês foram entregues com segurança; outros 29 foram abandonados e 17 deles foram encontrados mortos. Embora duas crianças tenham sido deixadas em lugar seguro no intervalo de uma semana em julho do ano passado, cinco recém-nascidos foram abandonados no município de Los Angeles, três deles mortos, em junho. “É evidente que a notícia da nova lei não está atingindo todo mundo que precisa ouvi-la”, afirma Doyle Tolbert.

É por isso, diz Debi, “que vou a qualquer lugar para falar com quem queira ouvir”. Ela agora dedica seu tempo a dar palestras nas instituições que a convidam para falar da nova lei.

NUMA MANHÃ de primavera, um grupo barulhento de alunos lota uma sala de aula em Yucaipa. Em poucos minutos o local fica em silêncio, com os alunos voltados para a mulher diante deles. Ela fala de nascimento, vida, morte - e escolhas que os jovens podem fazer a esse respeito.

“Os segredos matam”, adverte ela. “Eu sei porque já enterrei 54 deles. E aprendi que uma única pessoa pode fazer diferença.” Debi continua: “Se vocês contarem a uma só pessoa sobre essa nova lei, estarão fazendo algo importante. Há coisas na vida que vale a pena defender.”

ALGO EM COMUM

Bêbados e geógrafos concordam no seguinte: a Terra não pára de girar.

JOSÉ BRAGA, *A rir é que a gente se entende* (Edições Menabel, Porto)